



GARCIA PULIDO

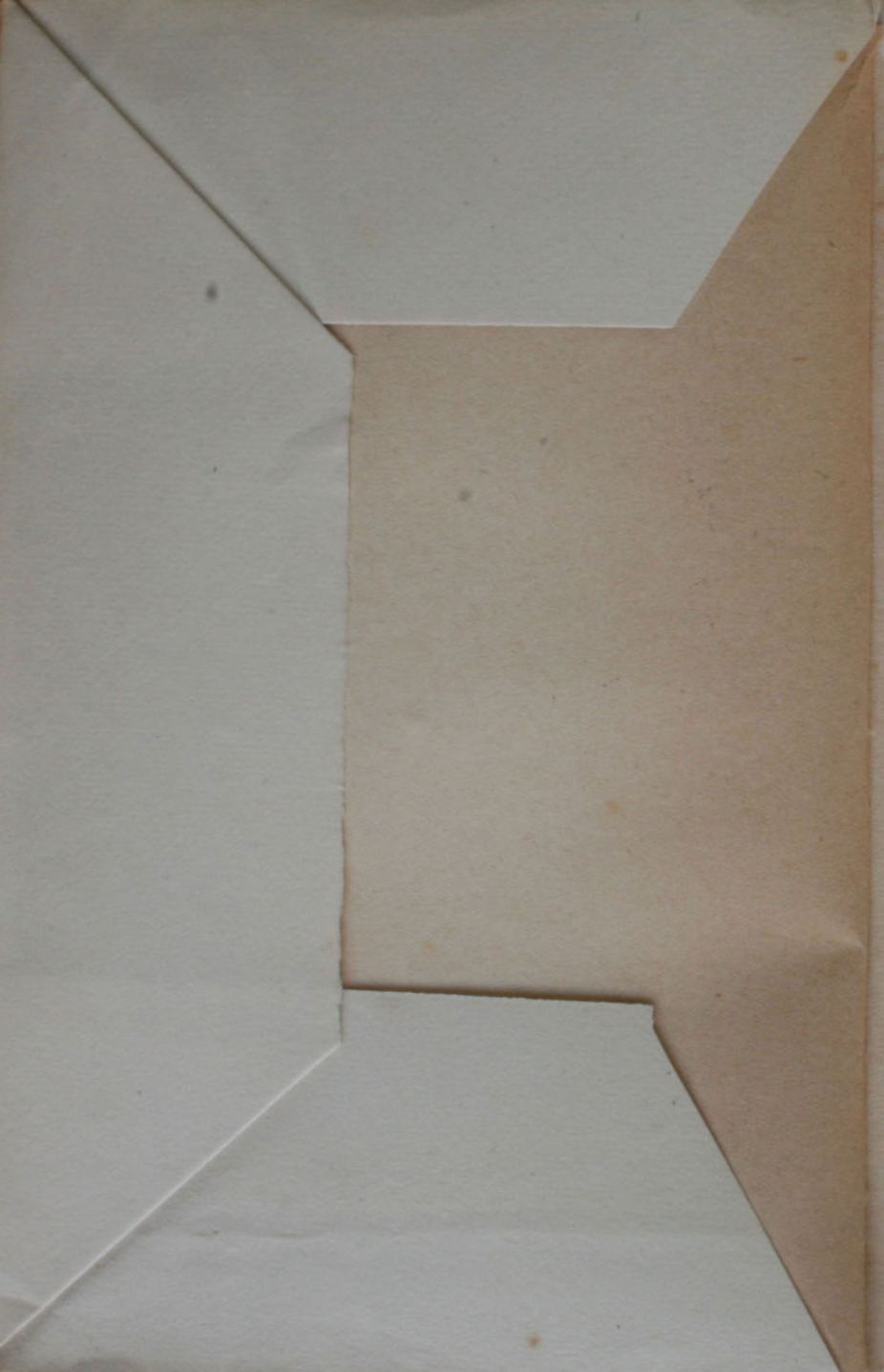
NOS BRAÇOS

DA CRUZ  



Coimbra.  S. França

Amado, Editor.  1914.



Do Fernando Pessoa,
meio do amigo & gran-
de aluno de artista

o seu impudico

NOS BRAÇOS
DA CRUZ

Esta obra foi publicada em...
em 18...
em...

DO AUCTOR:

O CANAPÉ DA EUROPA — Critica de Arte
em via de publicação

GARCIA PULIDO

NOS BRAÇOS
DA CRUZ



COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1914

Composto e impresso na Typographia França Amado,
rua Ferreira Borges, 115 — Coimbra.

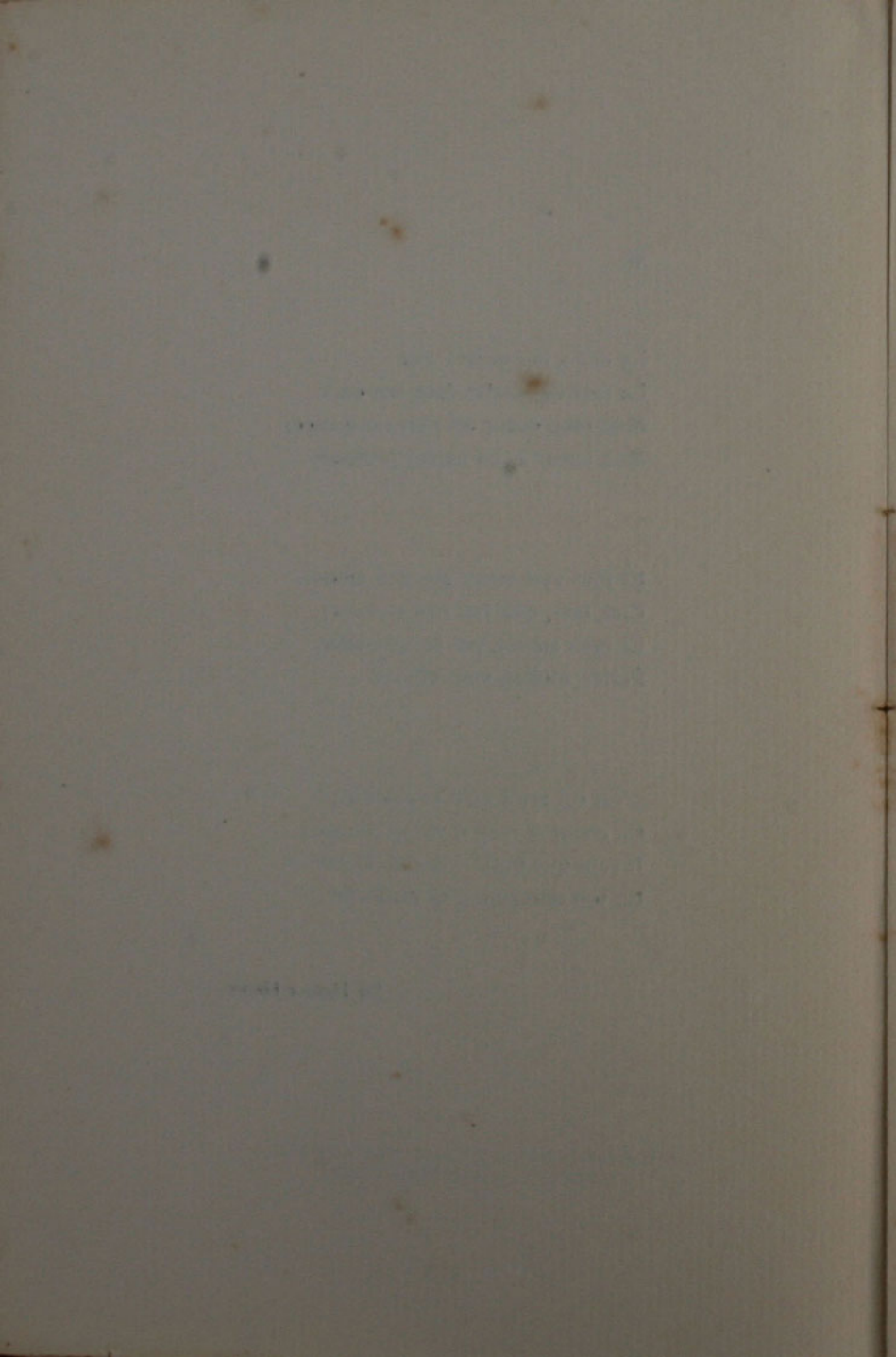
M.

Le ciel a des étoiles d'or
La mer des perles dans son onde
Mais mon coeur est plus riche encor
Mon coeur a son amour profonde.

Et plus vast encor est mon amour,
Ciel, mer, que vos vast espaces ;
Et mon amour, par sa splendeur,
Perles, étoiles, vous efface.

C'est toi seule qu'il veut aimer,
Ce coeur si vast, ô vierge blonde ;
Il veut que tout — le ciel, la mer —
En ton seul amour se confonde.

De HENRY HEINE.



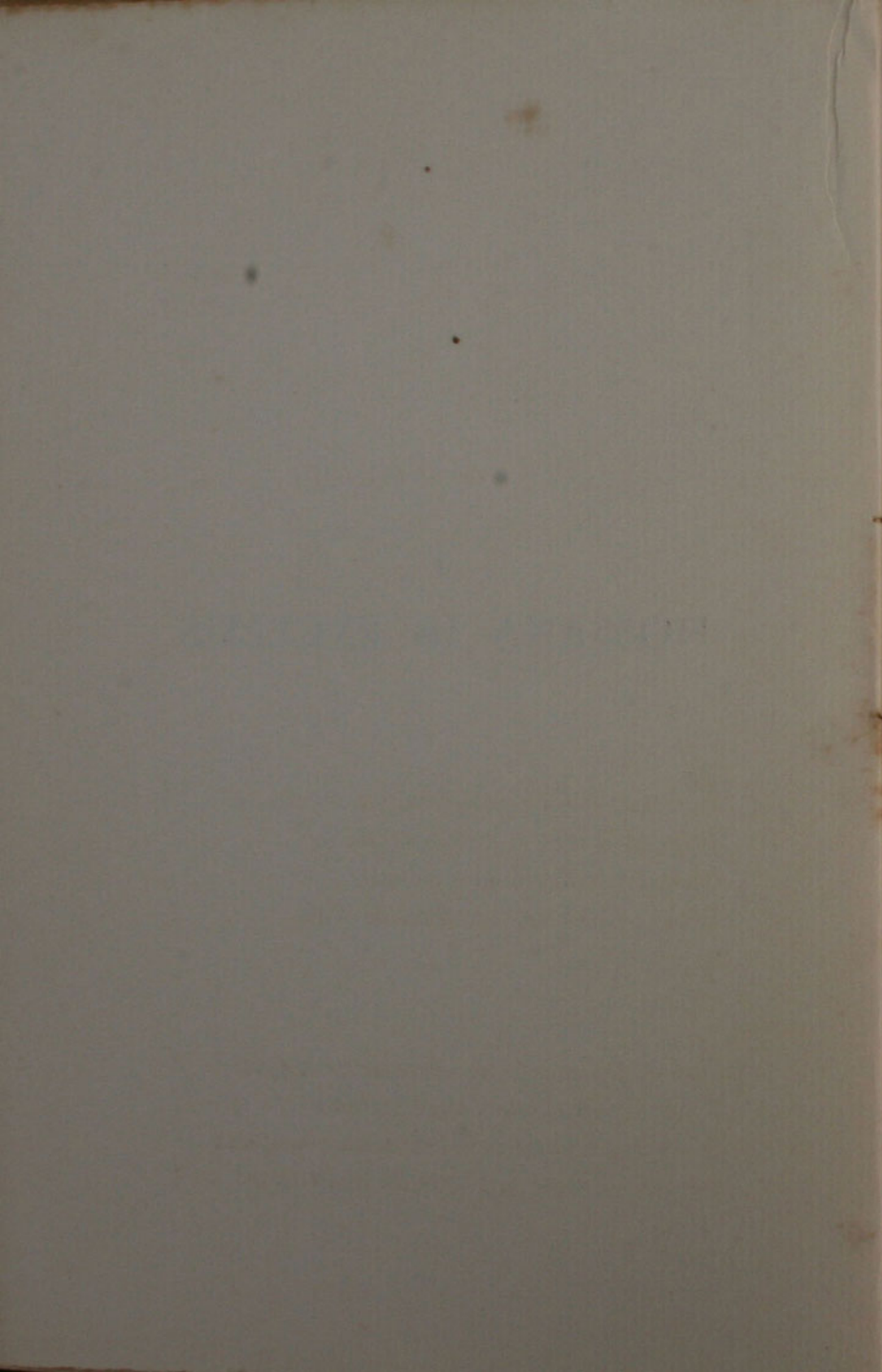
Mas, tende cautella, não vos faça mal...
Que é o livro mais triste que ha em Portugal!

Do *Só*



I

HOSSANA IN EXCELSIS



Poêma d'Amor

Poêma d'amôr os versos que aí vão
Singelas trovas a um olhar azul
Onde segredos lê meu coração
Como os lera na taça o rei de Tule.

Poêma de amor! Se acaso amar alguém
É ter no peito este desejo extranho
De A ver sempre não vendo mais ninguém
De todos os que em volta de mim tenho...

Sentir-me só no meio da multidão,
No peito uma bondade enternecida,
Resar por ela em doce devoção
Perder a vida pra lhe dar a vida...

Vêr a sua beleza em toda a parte!
Na graça flava dos cabelos d'ouro
Buscar tonalidades prá minha arte
Como uma vaga, ao sol, de trigo loiro...

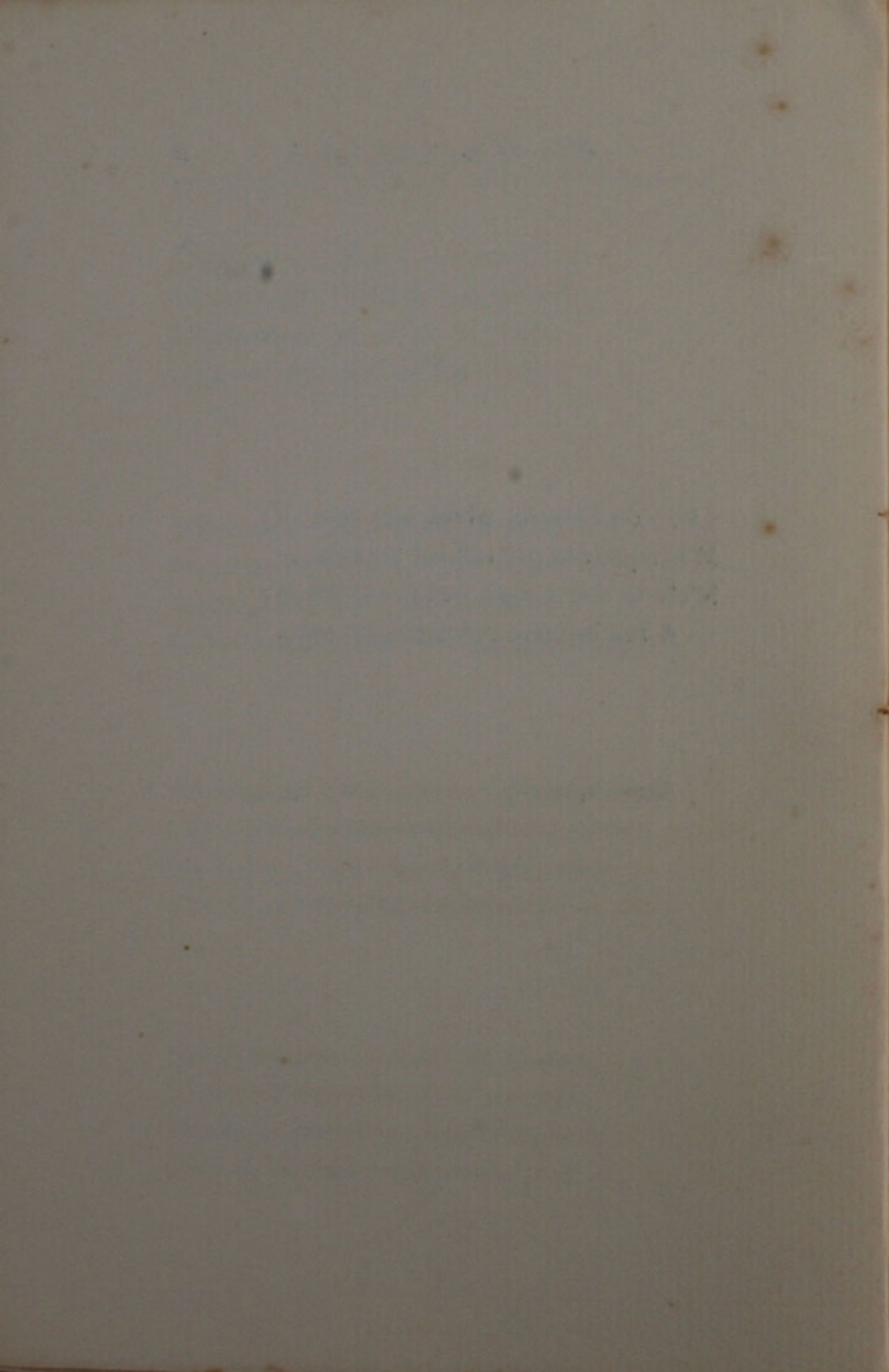
Lembrar-me d'ela quando vejo, ao luar,
Entre o silencio, a estatua abandonada,
Na pedra antiga, absorto a meditar
Vêr a sua beleza adivinhada...

Senti-la perto, embora seja ausente,
E perto d'ela ter no peito a magua
De não poder dizer o que se sente
Sem ter os olhos arrazados d'agua.



Livro do coração, talvez sem arte
Mas aquecido por um sol sem fim.
N'ele te dou o mais que posso dar-te :
— A tua imagem reflectida em mim. —

Coimbra, 1914.



Litania do Crepusculo

De novo, aos pés da cruz meu coração,
Trespasado das setas da desgraça,
Vem de rastos pedir o teu perdão
E a santa luz da tua santa graça.

Que Deus escute a minha voz maguada
— Deus que da magua o cális esgotou —
Volto de novo pela mesma estrada
Que o meu olhar em tempos já olhou.

Era preciso que eu corresse mundo
Gastando a vida pelas outras vidas
Para sentir o sofrimento fundo
Que choram tuas chagas comovidas!

Mas venho pobre; minhas alegrias,
Brilhantes raros que amassei em pranto,
Por lá ficaram. Só Tu me alumias
Com tua luz altíssima de santo.

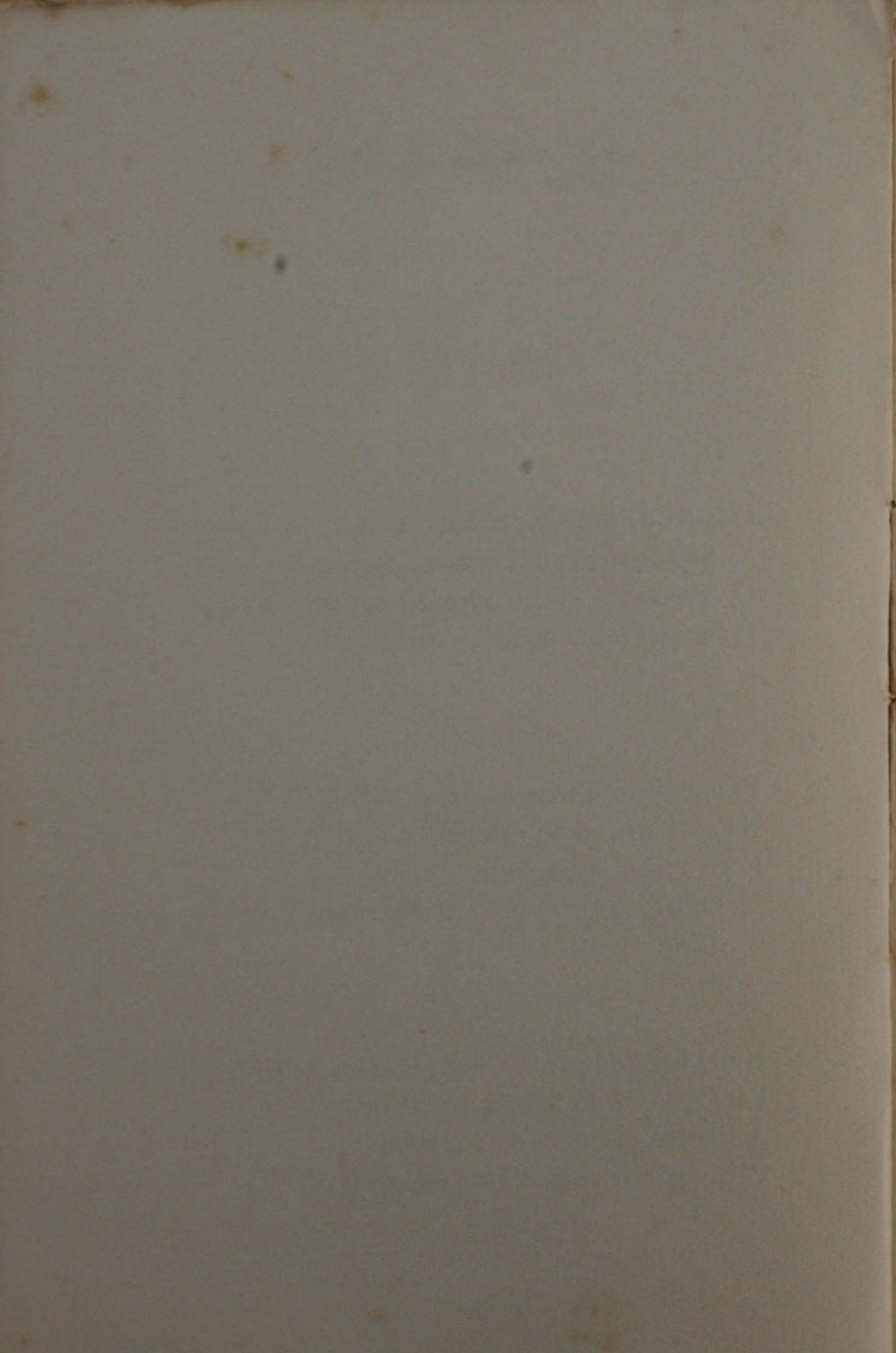
Cai neve na minha alma. O coração
Gela de frio, chora amargurado...
(Que vida a nossa, sem consolação
Andando sempre o mesmo chão andado!



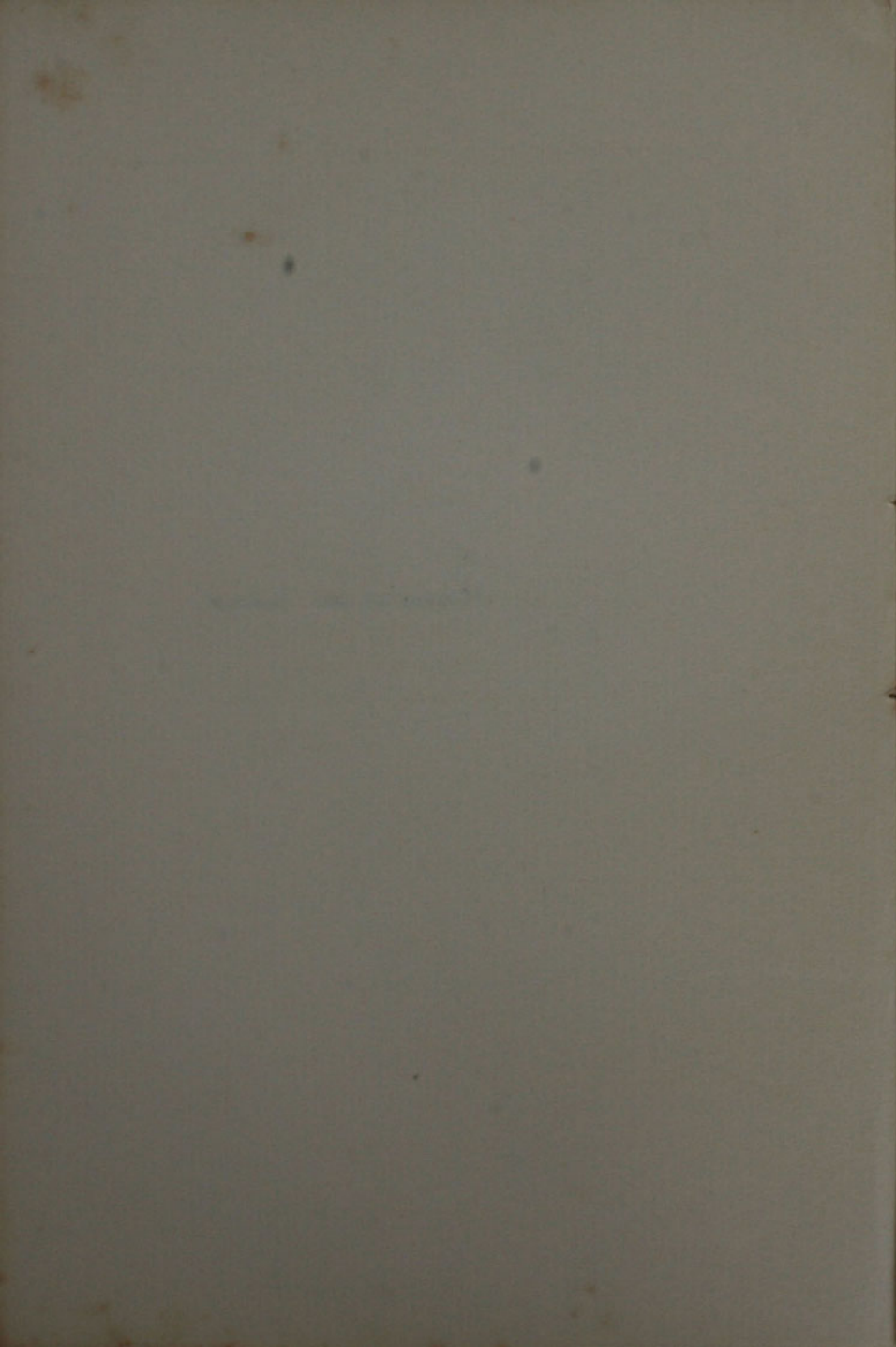
Outono de ilusões. Folhas caindo!
— São lágrimas das arvores em resa —
O crepusculo as nevoas vem unguindo
Com suas mãos de mística tristeza...

Faz-me bem a tristeza, sinto n'alma
Não sei que unção estranha d'alegria.
É vivo bem nessa tristeza calma:
— Olhar de Deus que me deslumbra o dia —

Nesta hora de perdão, que Deus me valha
Para que até ao fim da minha vida
A tristeza me sirva de mortalha
Pois que a tristeza é vida renascida.



A
MARTIR DO MEU SANGUE

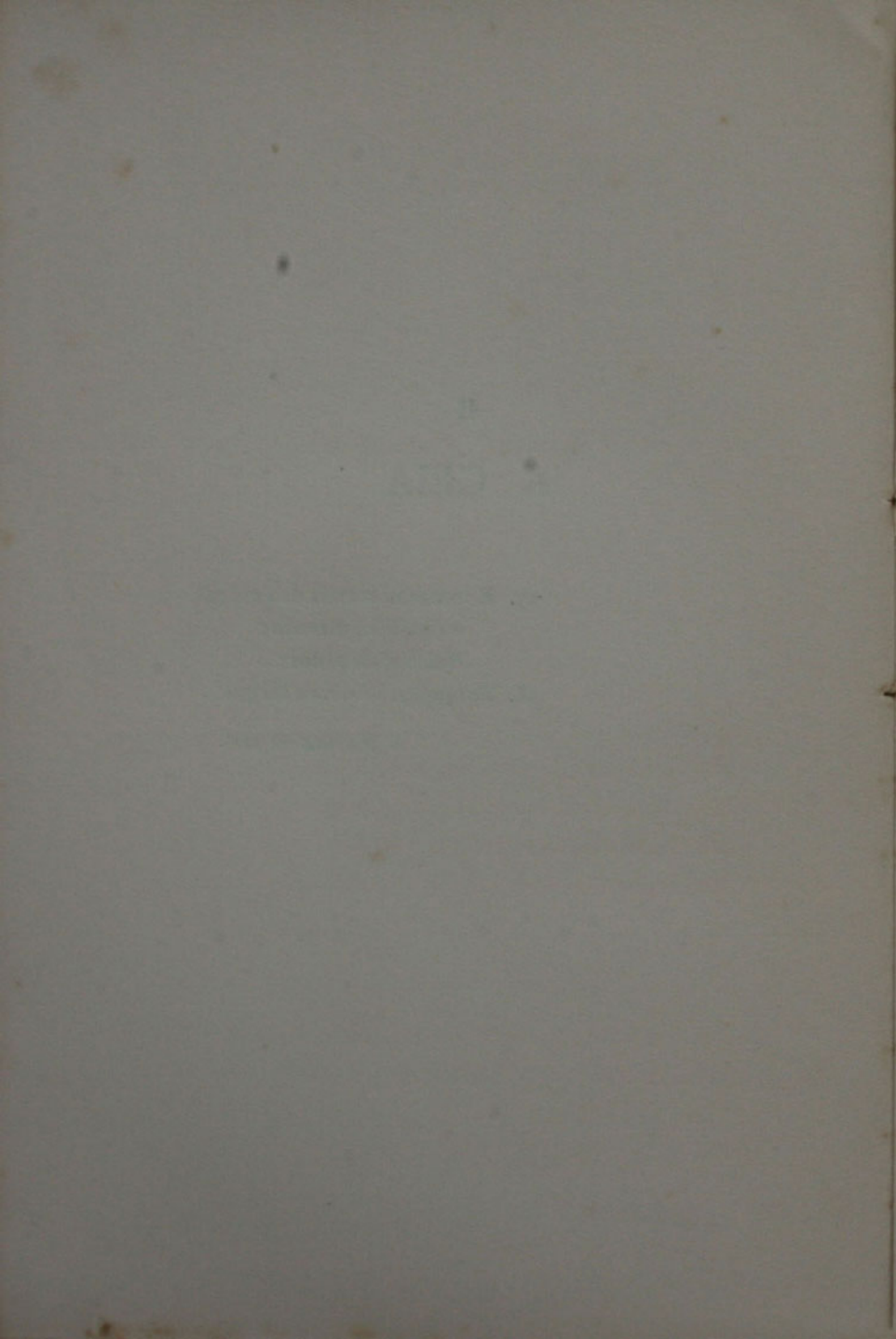


II

A CEIA

27. E tomando o calix deu graças,
e deu-lh'o, dizendo :
Bebei d'ele todos :
28. Porque este é o meu sangue...

S. MATHEUS — XXVI.



Almas Penadas

Vinde comigo junto ás sepulturas
Erguer os braços numa prece a Deus.
Em funebre romagem de amarguras
Vamos rezar, pedir clemencia aos ceus!

Os mortos onde estão, neste momento
Em que os evoca a nossa dôr ungida?
Que dirão êles vendo que cá dentro
Dá vida á sua morte a nossa vida!

Mortos não morrem, ficam vivos n'alma.
Benditos pela dôr que não se acalma
/ A sua vida é essa mesma dôr...

Mortos são só a vida que vivemos,
Todos na vida apenas mortos temos.
E a nossa vida, a vida o que é Senhôr?...

Meu Pai

Eu mal te conheci. Partiste quando
Meus olhos ainda não olhavam bem,
Mas em minha alma a tua alma olhando
Sinto que foste como eu sou também.

Fonte da vida! Deste me o teu ser,
Toda a desgraça que o meu peito chora.
Dentro de mim tu vives a morrer
Na minha mente pelo tempo afora...

Já eu sofrera dentro do teu corpo
É alma tua a que hoje sofre em mim.
— Alma penada d'esse pobre morto
Que aos altos ceus ha-de subir por fim. —

Aos ceus... aos ceus... mas é eterna a dôr,
Ai nem a morte dá socego á vida!
(A vida vive no sombrio horror
Da morte, e é sempre a mesma dôr sofrida!

É tua a voz que no meu peito vem
Em lagrimas cair desfeita em magua.
Queres falar e um poder d'*Alem*
Muda as palavras em torrentes d'agua.

Sinto te preso e não te posso dar
A liberdade de voar aos ceus
Porque ser livre e pelos ceus voar
Tudo depende do poder de Deus.

« Ias dormir » disseste, olhando Aquela
Cuja alegria adormeceu tambem,
E a nossa casa n'uma paz que gela
Não mais sorriu alegre pra ninguem...

Foi-se contigo a luz dos olhos d'ela
— Levaste-a para vêr no azul sem fim —
E cega, tão cega ficou, que ao vê-la
Todos dirão que só me vê a mim...

Ermida sem altar, ao abandono,
Corações sob lages de tristeza...
Em vida triste, d'olhos no teu sôno
Vão soluçando a mesma triste reza...

Desdobra a noite o manto d'agonia.
Aconchegados ao teu pobre leito
Pra que não sintas esta noite fria
Trazêmos o calôr do nosso peito.

E ao vento eu lanço esta oração sentida
Para que a Deus a vá dizer talvez :
— Pra te levar tão cedo desta vida
Levasse antes teus filhos d'uma vez...

Coimbra, 1913.

Ronda de Fantasmas

Da minha casa vê-se o cemiterio
Florindo em dor no verde da campina.
Negros ciprestes, vultos de misterio,
Cantam nos altos sua triste sina.

Almas de mortos rezam na ramada
Extranhas orações feitas de luar.
Na catedral da noite constelada
Minha alma sobe para as abraçar...

Tenho lá mortos, tenho lá meu Pai.
Levaram-no sem dó. E lá da terra
Todas as noites a sua alma sai
E pelo escuro dessas noites erra...

Vem-me falar. Pergunta por Aquela,
Cujos olhos na vida são os meus
E diz que Deus fará mais uma estrela
No dia em que ela fôr chamada a Deus.

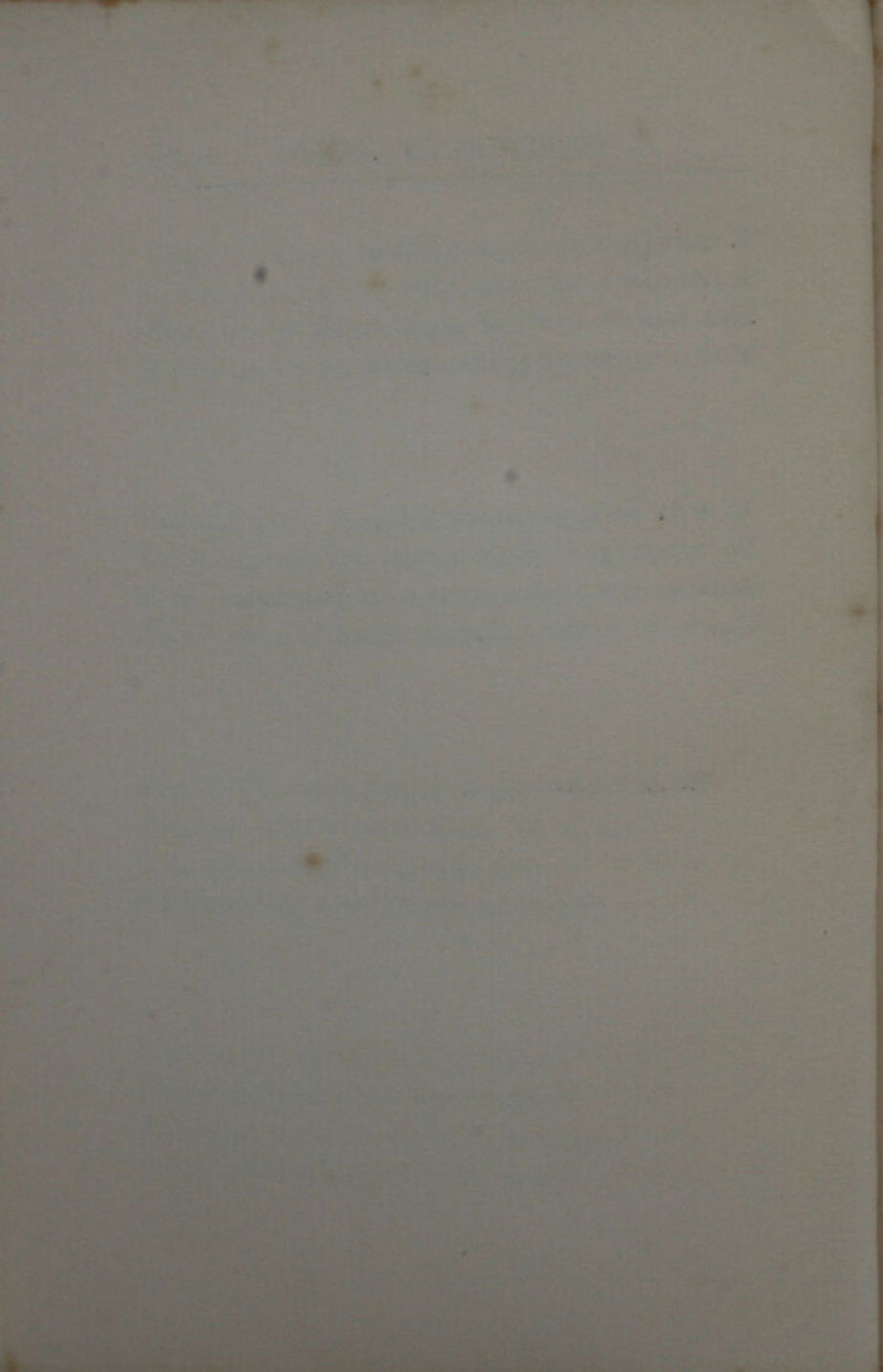
Fala de Ti, com lágrimas de dôr.
Conta-me tudo o que tu foste. Ha tanto!...
E eu vejo n'ela o teu imenso amôr
No amôr d'ela amortalhado em pranto.

E muda fica olhando o vago, alem,
Olhando absorta o teu logar antigo...
Ali ninguem mais se assentou, ninguem,
Desde que foste pró teu novo abrigo...

E tanto gasta a sua luz cançada
A recordar a tua morte triste
(Que com um morto se julgou casada
E só o morto nesta vida existe!

Ai se tu visses os cabelos d'ela,
Do oíro antigo já só prata tem...
Branços, branquinhos como a luz da estrela
Que a luz perdeu a alumiar alguém!

Casa de Valpães — 1913.



O Moiro

Não viste a luz e mal tomaste corpo,
Já nosso Pai não era desta vida,
Dois dias antes fôra-se o conforto
Da nossa casa, agora entristecida.

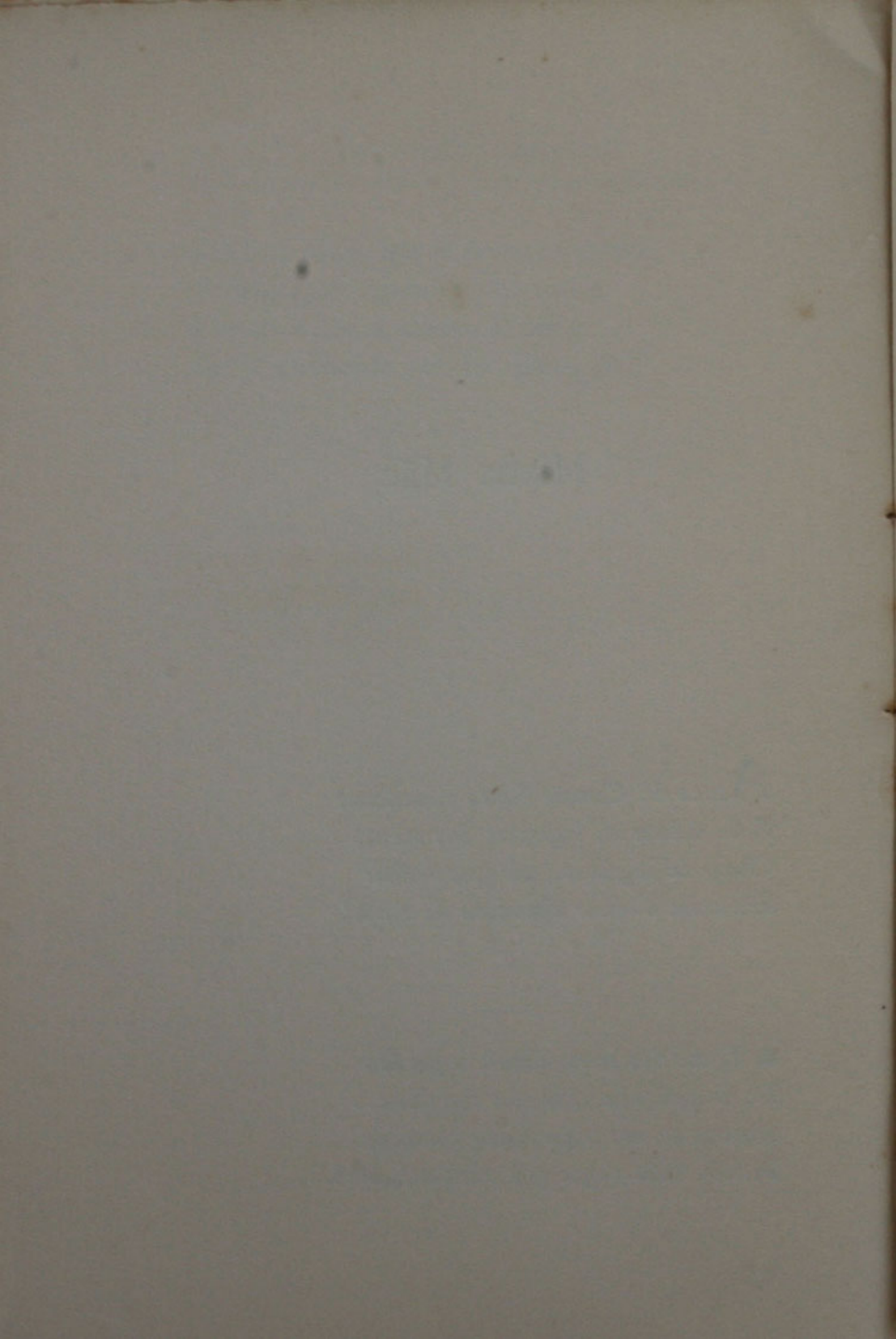
Tirou-te a vida a dôr de minha mãe,
Tem pena d'ela, não lhe queiras mal,
Pois dar vida só dá quem vida tem
E a vida nela era uma dôr mortal.

Foi bom assim que te levasse a morte,
É desgraçado quem na vida cai...
Fugiste á dôr, á miseranda sorte
De vir ao mundo sem ter visto o Pai!

Minha Mãe

Antes do *Campo Santo* abandonar
E de deixar as lagrimas dos meus,
Cheio de lagrimas, eu quero olhar
Em mim o olhar altissimo de Deus!

A ti, luz dos meus olhos, o perdão
Da desgraçada vida que me déste...
Abraça ao teu meu pobre coração,
Perdôa tudo o que por mim sofreste!...



A

ANTONIO MONFORTE

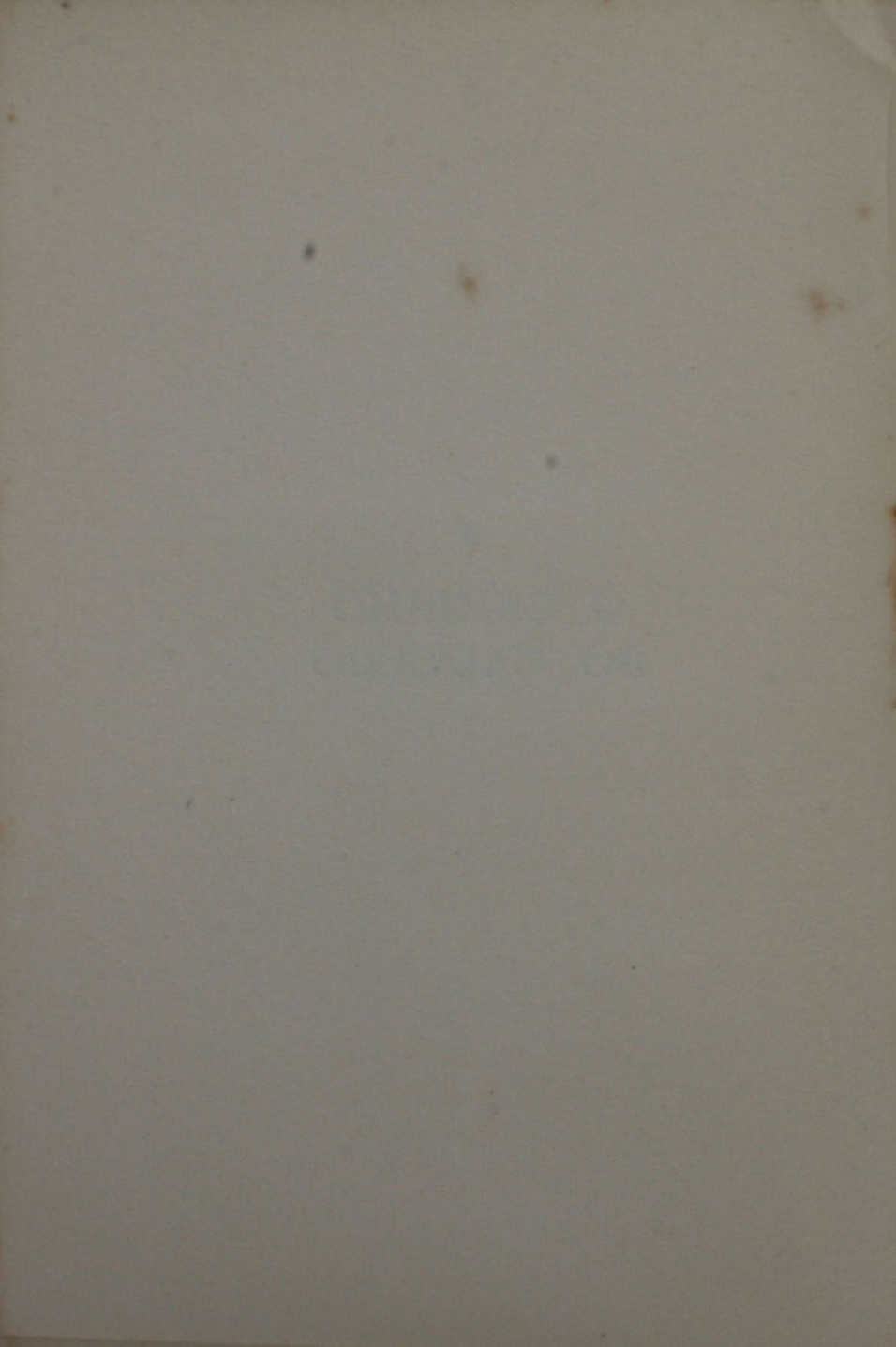
HIPOLITO RAPOSO

JOÃO DO AMARAL

1870
1871
1872

III

O CAMINHO
DO CALVARIO



A Alma do Descampado

Ao JOÃO COLAÇO

Filho da solidão, do descampado,
Domina-me o misterio da planura,
Tenho na alma a tristeza do montado
E a sua côr na minha côr escura.

Entre o silencio vivo abandonado,
Olho a planicie cheia de brancura,
Sinto no sangue o sangue do passado
E, do moiro, nos olhos a bravura.

Luar alto! Evoco o tempo da moirama,
(E logo a lua altissima derrama
Luz mais clara por sobre os olhos meus...

Grito do sangue acusa a minha voz
Por abjurar a fé dos meus avós.
— E o Deus-Alá desdobra-se nos ceus! —

Alentejo, Quinta de S. Lazaro, 1912.

A Romaria

AO COSTA E ALMEIDA

Ha grande festa no povoado!
As moças vão prá romaria
Ver o Senhor crucificado
Que dá o pão de cada dia.

Fatos de côm, riso encarnado
Naquélas faces que o sol doira,
Sonhos crescendo no montado,
Olhos em braza, almas de moira.

Entra-me n'alma a cantoria
Onde a tristeza anda a boiar,
Cantam a dôr com alegria,
Ai quem me dera assim cantar!

E eu tenho inveja áquela gente
Que vai cantando sem saber
A dôr que todo o mundo sente,
A dôr imensa de viver.

Rezam a Deus, como eu rezava,
Valha-me Deus, onde isso vai!
As orações que me ensinava
A ama velha de meu Pai...

Noite de inverno. Ventania.
Almas penadas a gemer.
E na lareira o fogo ardia
Para n'ele a gente se aquecer...

E, costurando, ia contando,
Lindas historias encantadas :
Contos d'amôr, moiras chorando
Lindas princezas, lindas fadas.

(Mas veiu a morte em certo dia,
Adeus, adeus, e nunca mais
Áqueles contos que eu ouvia
Eu pude ouvir depois eguais...

E aquelas moiras e princezas,
Corpos de sonho em ar de palma,
Vivem errando nas tristezas
Do limbo triste da minha alma.

PROBATION REPORT

IN RE: [Name] [Address]

1. Name of the person
2. Address
3. Date of birth
4. Date of probation

5. Name of the probation officer
6. Name of the court
7. Name of the judge

8. Name of the agency
9. Name of the supervisor
10. Name of the counselor

11. Name of the probation officer
12. Name of the court
13. Name of the judge

Ritmos da Saudade

AO AFONSO DUARTE

Saudades quem as não tem!
Trago a minha alma cheiinha,
(Eu hoje tenho saudades
Dos tempos em que as não tinha.

Atraz dumas outras vêm,
Nesta vida tudo foge,
(Saudades, inda hei-de te-las
Das minhas saudades d'hoje...

Na solidão dos meus campos
É tudo triste, de geito
Que se ouve a voz da saudade
Cá dentro do nosso peito.

Abalou-me o coração
Do peito para te ver,
No lugar dele deixou
Teu coração a bater.

De tanto chorar a vida
O meu olhar já não vê.
As aguas correm das fontes
Sem que elas saibam porquê.

Andas triste sem saber
A causa dessa paixão,
És triste desde que vives
Dentro do meu coração.

É Maria minha mãe,
Foi por mal dos seus pecados,
Maria são sempre as mães
De todos os desgraçados.

Ser poeta é coisa fácil,
É fácil sentir a gente
A dentro do coração
A magua que o povo sente.

Ouvi uma voz cantando
Em certa noite de luar,
Uma quadra onde eu metera
Meu coração a chorar.

E eu chorei, ao ver que a voz
Ia cantando, esquecida,
Com alegria, quem sabe!
As maguas da minha vida!...

Passam risos e cuidados
Como as aguas vão pró mar,
Só não me deixam as penas
As penas de te deixar.

Dês que soube que tu rezas,
Levo a vida descansado,
Tu pedes por mim a Deus
E eu tenho Deus ao meu lado.

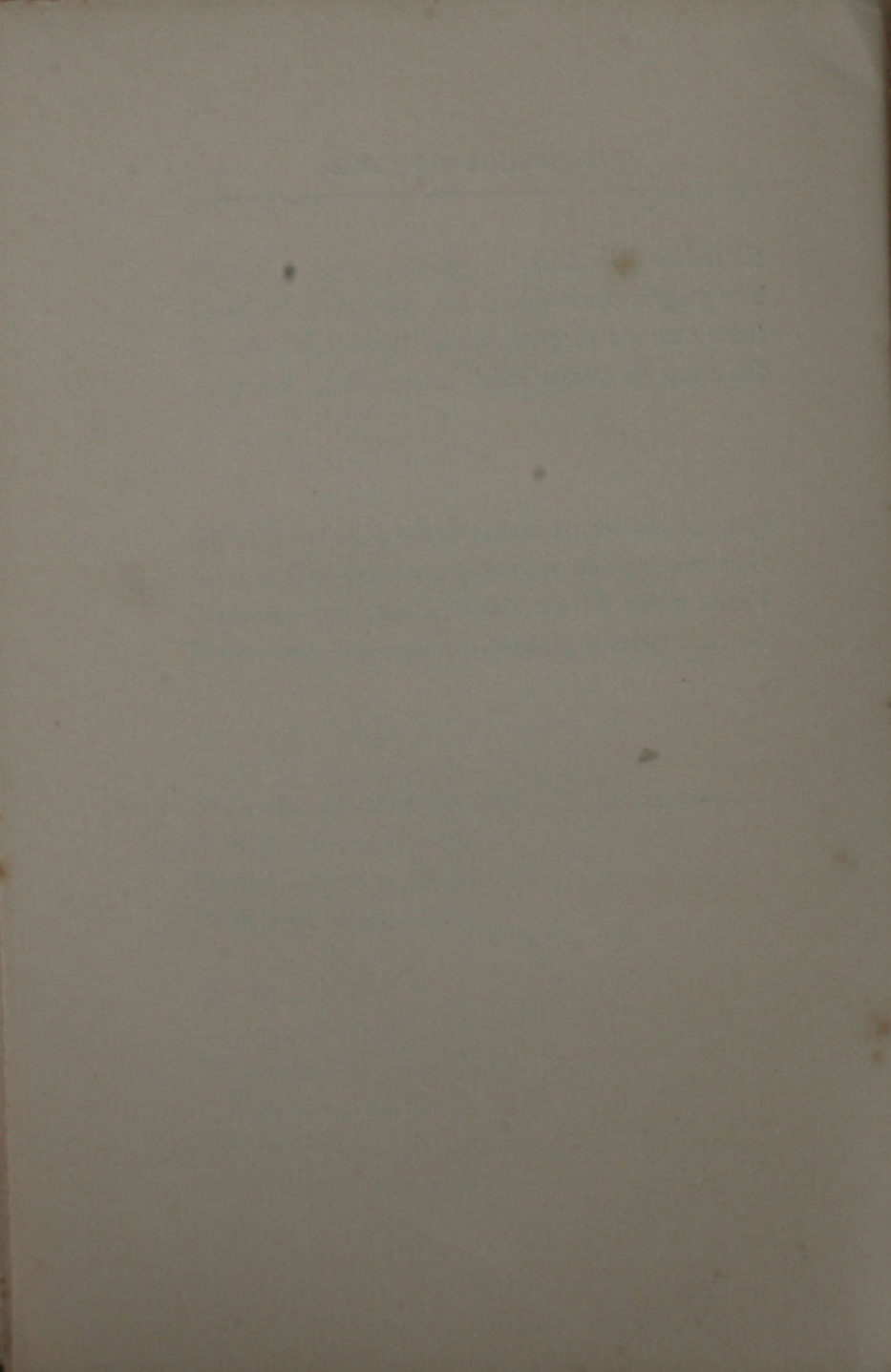
(Deus quiz saber cá da terra
A vista que o ceu metia,
Desceu á terra e olhou-o
Pelos teus olhos, Maria!

((Tenho sêde de mais alto,
Eu sou como a Mãe de Deus
Que tendo Deus em seus braços
Ainda olhava prós céus.

Eu quizéa ser feliz,
Ter alegria tambem,
Para com ela alegrar
Os olhos de minha Mãe.

Quando ela ler os meus versos
Que tristeza não vai ter,
Vendo a dôr da sua vida
No meu peito a reviver.

Coimbra, 1914.



O Misterio da Planície

Planície raze. Mar de luar. Nos longes
Andam as sombras resando
Preces de nevoa fluidas,
Como monges
Sonambulos, de mãos postas, orando...

Alta maré d'alvura!
No trigal
Parece nevoa, ondeando com brandura,
O marfim velho da palha,
Como expraiado mar de cal
Onde a tristeza branca de mortalha
Anda a boiar
À luz da noite concava de luar!...

Montado ao longe, mancha escurecida
Olhando a solidão
Perdida em reza!
É a lembrança viva d'outra vida,
Flôr de tristeza
Erguida em devoção...

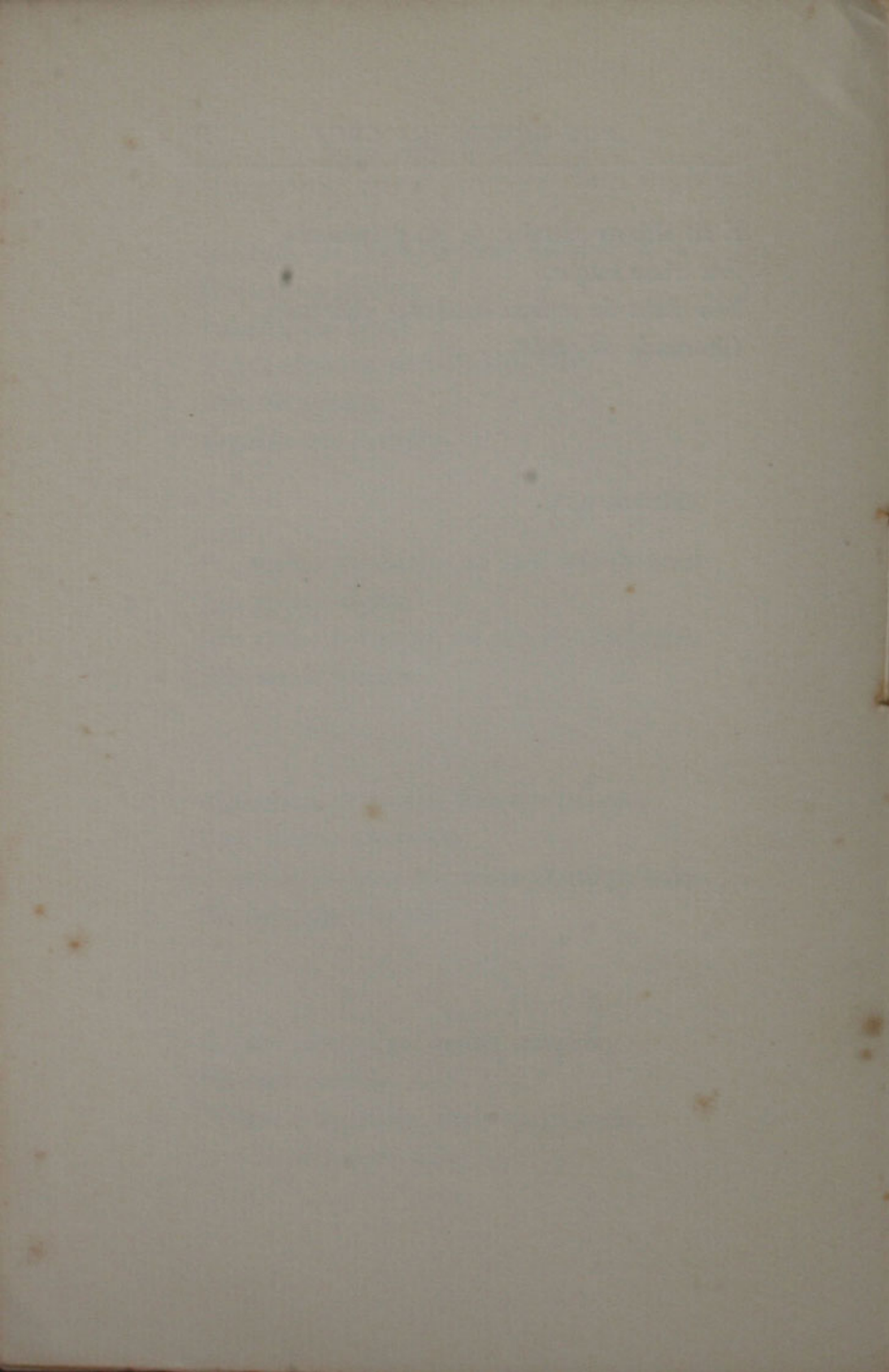
Ha sonhos de moiras no luar que desmaia
Em preces aladas!
São almas noivando, no ceu de cambraia,
São almas penadas.

Morreram as bruxas, ficaram coitadas
Seus moiros chorando.
E presas de encanto, como almas penadas,
No luar vão rezando...

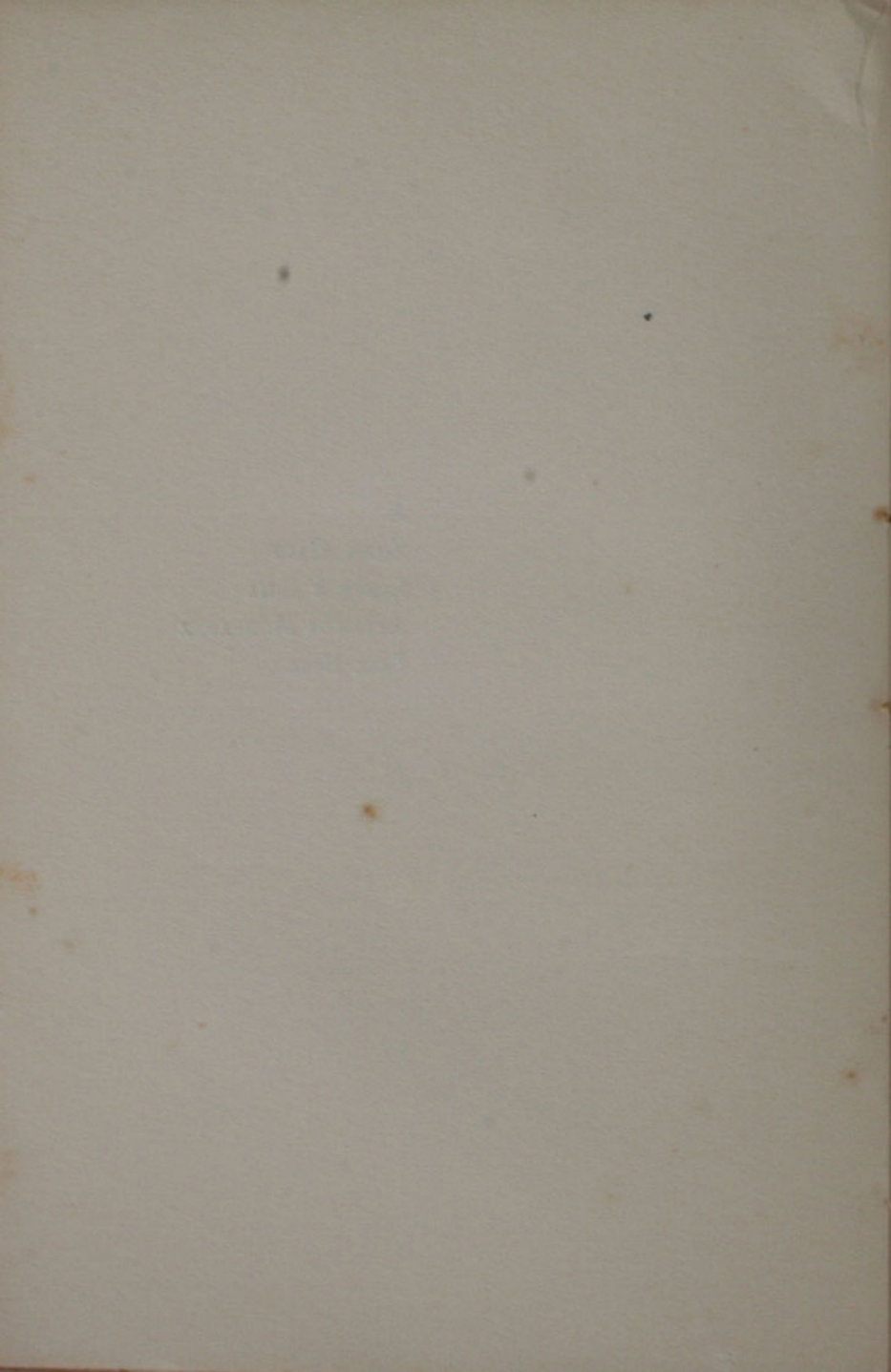
É tudo silencio no campo arrazado,
Planura perdida...
Revive a moirâma, revive o passado
— Um sonho da vida! —

E ao alto as estrelas de luz palpitando
Em triste fulgor,
São olhos de moiras saudades chorando,
Chorando de amor...

Coimbra, 1913.



A
SILVA GAIO
LEBRE E LIMA
ALBERTO MONSARAZ
LUIZ BRAGA



IV

NOS BRAÇOS DA CRUZ

1000

Na Cruz

Caminhante que segues pela estrada
A mesma estrada que é de todos nós,
Pára um momento nesta encruzilhada,
Escuta a minha dôr na minha voz.

Como tu já fui. Tive sonhos belos
Dentro do peito, um sol de noite e dia
Doirando em chama as torres dos castelos
Que do nada gerava a fantasia.

Luar de encanto o dessa mocidade!
Prata caíndo numa chuva mansa
Por sobre a prata da minha alma que ha-de
Subir aonde a fé de Deus alcança.

Mil bocas d'oiro e astros, pedrarias
E gemas de encantar florindo em beijos.
(Grandes que fossem essas alegrias
Eram menores do que os meus desejos.

Ai como eu era! como eu fui outr'ora!
E a magua d'hoje, em que a minha alma inundo,
Tinha um amôr como um clarão d'aurora,
E com os braços abraçava o mundo.

Mas vi uns olhos dardejando luz,
Corri pra eles cheio de luz tambem,
No seu calor eu encontrei a cruz
E o meu martirio no lugar do bem.

Ardeu-me o coração. E da minha alma
Cinzas deixou só esse olhar em braza,
Ancias, tormentos que já nada acalma
Sem um amparo, uma carícia d'aza.

O luto dos teus olhos enlutou
Os nossos corações no mesmo veu,
Nossas almas o mesmo olhar varou,
Pecámos ambos sob o mesmo ceu.

Foi um amôr a quem deixei de amar
E que inda chora o meu amôr desfeito,
E em sonhos ela vive a recordar
O amôr morto que vive no meu peito.

Toda a beleza que em teus olhos vi,
Pelos olhos do sonho foi gerada,
Era o meu sonho que eu amava em ti
E do meu sonho tu não tinhas nada.

Eu não te amei. Tenho por ti, sómente,
— E que esta pena no teu peito cale —
O dó que inspira até o indiferente
A quem sem querer fizemos muito mal.

Coimbra, 1913.

Olhando Deus

Tenho na alma o cristal da tua fala
Chorando a magua que te ouvi contar,
Magua profunda que nenhuma eguala
Por mais que Deus te queira torturar.

Eu que te vi em lagrimas banhada,
Que em tua dôr ia vivendo a minha,
Eu nada tive para dizer-te, nada,
Falasses tu, falasses tu sósinha.

E para que dizer-te que eu sentia
Em mim a dôr que a tua dôr merece,
(Se a dôr dos outros só nos alumia
E é luz sem vida que nos não aquece!...

Se tu pudesses ler no coração
O que em meus olhos não pudeste ler,
Minha alma ajoelhada em oração
Diria tudo o que eu não sei dizer.

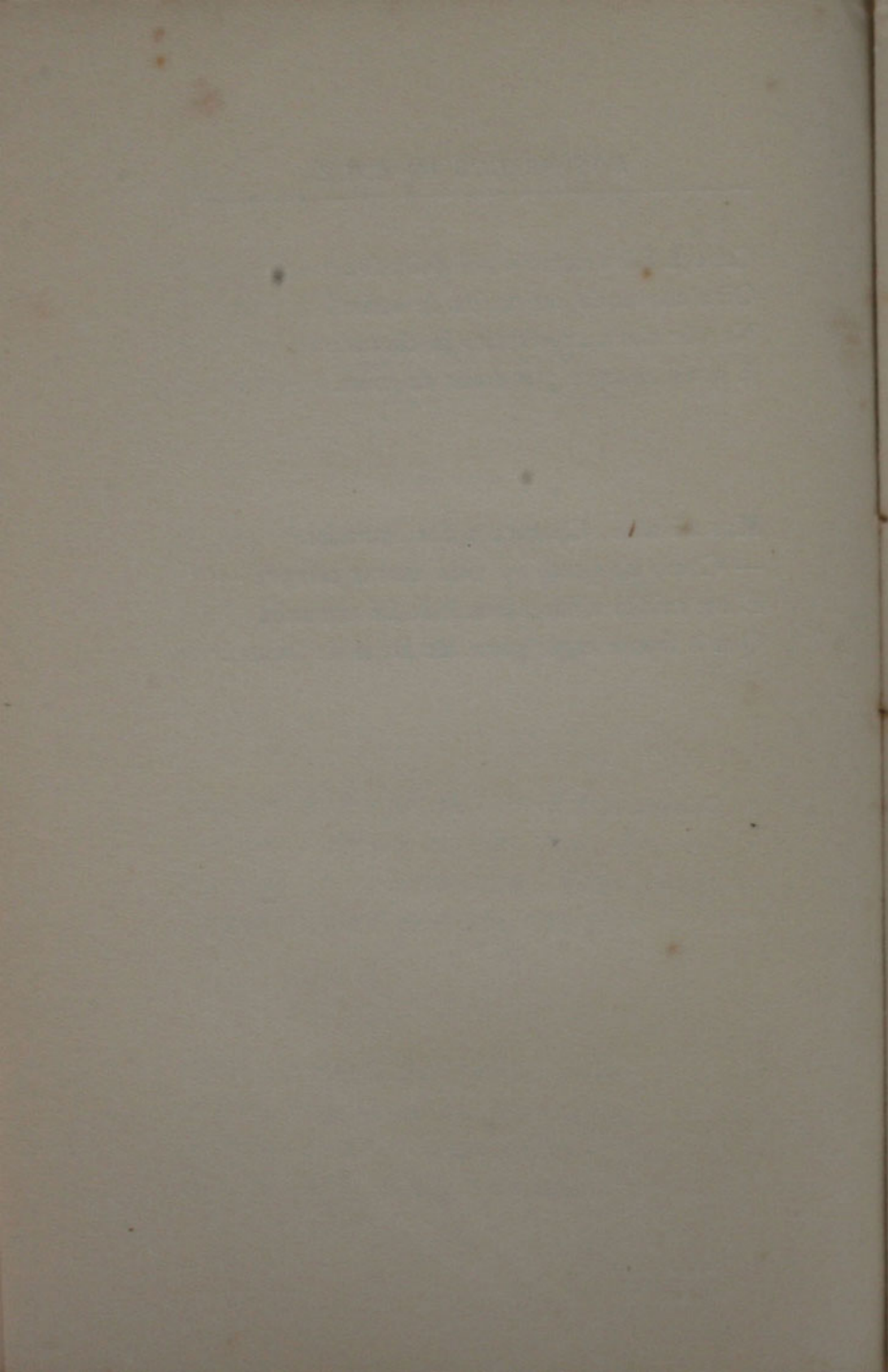
Poucos sentem a dôr da outra gente,
Enche-os a dôr que em suas almas têm,
Por mais que a sintam como a gente a sente
Ninguém a sente como nós, ninguém.

Choram a magua que lhes fez ouvir
(A nossa magua, que o chorar adoça,
É magua d'eles, é do seu sentir,
É outra magua, já não é a nossa.

Cabeça fulva como o sol doirado,
Oiro chovendo em ondas de setim!
Na dôr dos outros tenho já chorado
E quasi sempre por amôr de mim.

Mas ali não. Chorára a dôr extranha
— Como eu quero na vida chorar sempre —
E em minha alma a bondade foi tamanha
Que a fronte ergui para vêr Deus de frente!

Coimbra, 1913.



Cheia de Graça

O' Toda Pura, Cheia de Graça,
Eu bem dizia
Que neste mundo tudo passa
Com agonia.

Desde creança fui malfadado,
Ai que tristeza!
E toda a vida que tenho andado
É na pobreza.

Seria agora, quem tal pensava!
Por excepção
Que a dôr fugia e abandonava
Meu coração.

Quando te vejo branca de luar,
Doirada e pura,
Eu sinto na alma pôr-se a chorar
Minha amargura.

Por ti eu choro com agonia,
Pobre santinha!
Minha alma é triste, quem tal diria,
Sendo tu minha.

Mas tenho medo de te chegar
Ao coração.
O calor dêle pode queimar
Tua ilusão.

Por Alem-Tejo, fôra eu nascido
Lá na tristeza
Que banha os campos, que o luar unguido
Doira de reza.

Minha alma é alma do descampado,
Vago fantasma!
Erra de noite sob o montado
Que d'ela pasma!...

Minha alma é triste, tudo lhe pesa
De magua cheia,
E n'ela canta toda a tristeza
Da minha aldeia.

É vagabunda, vai mundo errando
Sempre a cantar.
E nesse canto, que vai cantando,
Vai a chorar.

E os outros pasmam de aos meus vinte ânos
Assim sofrer.
É pouco tempo p'ros desenganos
Que digo ter.

E Deus bem sabe que nõ que digo
Eu nunca minto.
Por mais que diga nunca consigo
Dar o que sinto.

Coimbra, 1914.

A Morte

Na minha casa entrou a morte um dia
E o passado ruiu soturnamente.
Tudo mudou. Levára a ventania
O grande affecto que aquecia a gente.

E o meu olhar em toda a parte via
Do seu olhar a triste luz dormente,
(Era a sua alma que eu em mim sentia
E que inda hoje na minha alma sente.

Tudo mudou. De tudo que o cercava
Já pouco resta n'esta furia brava
Que pela vida eternamente foge.

Tudo na vida a voz do tempo estiôla
— Até os pobres a quem dava esmola
Não são os mesmos que m'a pedem hoje. —

Casa de Valpães, 1913.

Carta

AO LUIZ BAPTISTA

Pedes noticias e são sempre as minhas
Noticias que te dão muita tristeza.
Só maguas tenho para encher as linhas,
Sou pobre em tudo e rico na pobreza.

Nada de novo tenho pra contar
— Os nossos corações descansam pois —
E vou vivendo sempre a receiar
A dôr dobrada que ha-de vir depois.

Anda comigo alguém que me quer mal
E não descansa esse inimigo meu,
Fugir é sempre em vão, porque afinal
Vive dentro de mim: — Sou eu! Sou eu!

Que fazer? Não sei. O doutor sorri
Quando lá vou pedir qualquer remédio,
Diz que era sugestão o que senti,
Que me divirta, que abandone o tédio.

E venho para casa na tortura
De quem já deu tudo o que tinha a dar,
E o coração partido de amargura
Nem lágrimas já tem para chorar...

E, todavia, eu vejo-me doente,
Do corpo vai-me a vida libertar,
E ela irá nos clarões do sol poente
Buscar a côr que eu lhe não soube dar.

Minha alma oprime-a este pensar constante
Que a traz constantemente entristecida,
Que os meus vinte ânos morram adeante
De tanta gente que não quer a vida!

À beira dum abismo eu fui parar
— Anda comigo a morte ardendo em facho —
Fugi, fugi, pra não me despenhar
Alucinado pela encosta abaixo.

Lgrimas que eu chorei, martirio fundo
Tudo no coração vibrou a esmo
(Vendo que era pequeno todo o mundo
Pra conseguir livrar-me de mim mesmo.

Ficou-me então o medo das alturas
Que m'atormenta e m'enrigela todo,
E entre mil ancias, entre mil agruras,
Tenho receio de vir dar em doudo.

Jesus, endoidecer! Viver, quem sabe!

(Vida mais triste que esta vida triste,
Vida sem consciencia que nem ha-de
Pelo menos saber que a morte existe.

(O que será o estranho pensamento
Dessa gente a que a gente chama louca,
Que nova luz lhe acende o entendimento
E que misterio oculta a sua boca?

Não sei. Mas deve ser vida maguada
Essa que os doidos vivem com horror.
A terra inteira foi amaldiçoada
E á luz do sol apenas cresce a dor.

E é sempiterna. Eterna como a luz,
Domina a terra, cresce até aos ceus.
|| Como simbolo a dor teve uma cruz
|| Em cujos braços se tornou em Deus!

Fez-se *Dor*, deu-nos vida e resgatou
A vida, ao ver que a vida era um tormento,
Mas em suas mãos tudo o que gerou
Era vida caldeada em sofrimento.

E mais não fez o seu olhar turvado
Quando nos viu em lagrimas banhar,
E a vida é *isto, o mesmo*, renovado
Por quem a luz nos olhos renovar.

Não vale a pena!... Passe-nos á frente
O que só vê plos olhos da ilusão,
Depois verá como esse olhar lhe mente
E é verdadeira a voz do coração.

E isto a minha vida torturada,
Mal viu a luz e logo envelhecia :
Alma que vive á dôr acostuada
Tenho na dôr o pão de cada dia !

Nunca um sorriso vale a dôr sofrida
— O sorriso desfaz-se sem saber —
Sempre a desgraça de ter vindo á vida
Foi maior que a alegria de viver!...

Coimbra, 1913.

Maria

Nunca sentiras o que então sentiste
Quando meu coração se abriu em par,
Teu coração deixára de ser triste,
Foi mais azul o azul do teu olhar.

Toma cuidado não te cegue a alma
A claridade que em teus olhos vi,
A alegria que a tua dor acalma
É luz da minha dôr que nasce em ti.

O oiro dos teus cabelos é riqueza,
Fulva abastança de quem vive em graça,
E' grande, mas maior é a pobreza
Dos que morrem ao colo da desgraça.

Tua alegria faz chorar meus olhos
Por ver que nunca posso ser assim,
No nosso amôr eu vejo o mar de escolhos
Que tantas vezes me feriu a mim.

Quero-te muito e logo sinto a dôr
De á tua vida não poder levar
Toda a vida a que aspira o meu amor,
Todo o amôr que a vida pode dar.

(Marchas prá vida sem saber que a vida,
E' a morte que a dôr traz no regaço
E oprime-me a lembrança dolorida
De te levar á morte plo meu braço.

A dor envelheceu-me o rir que eu tinha,
O mesmo rir que em teu olhar flutua,
Chegaste tarde pra desgraça minha
E muito cedo pra desgraça tua.

O que ha-de ser a nossa vida agora
Que a vida para ti vai começar,
Fôra minha alma como em tempo fôra
E havia um sol a bendizer o lar.

Cheio de ti meu peito amargurado
De novo resplandece á luz do dia,
Teu coração vingára o meu passado
Florindo a minha dor em alegria.

És tu que vibras dentro do meu peito,
No coração eu sinto a doce calma,
E tão cheio de ti ficou, de geito
Que nem ao menos cabe lá minha alma.

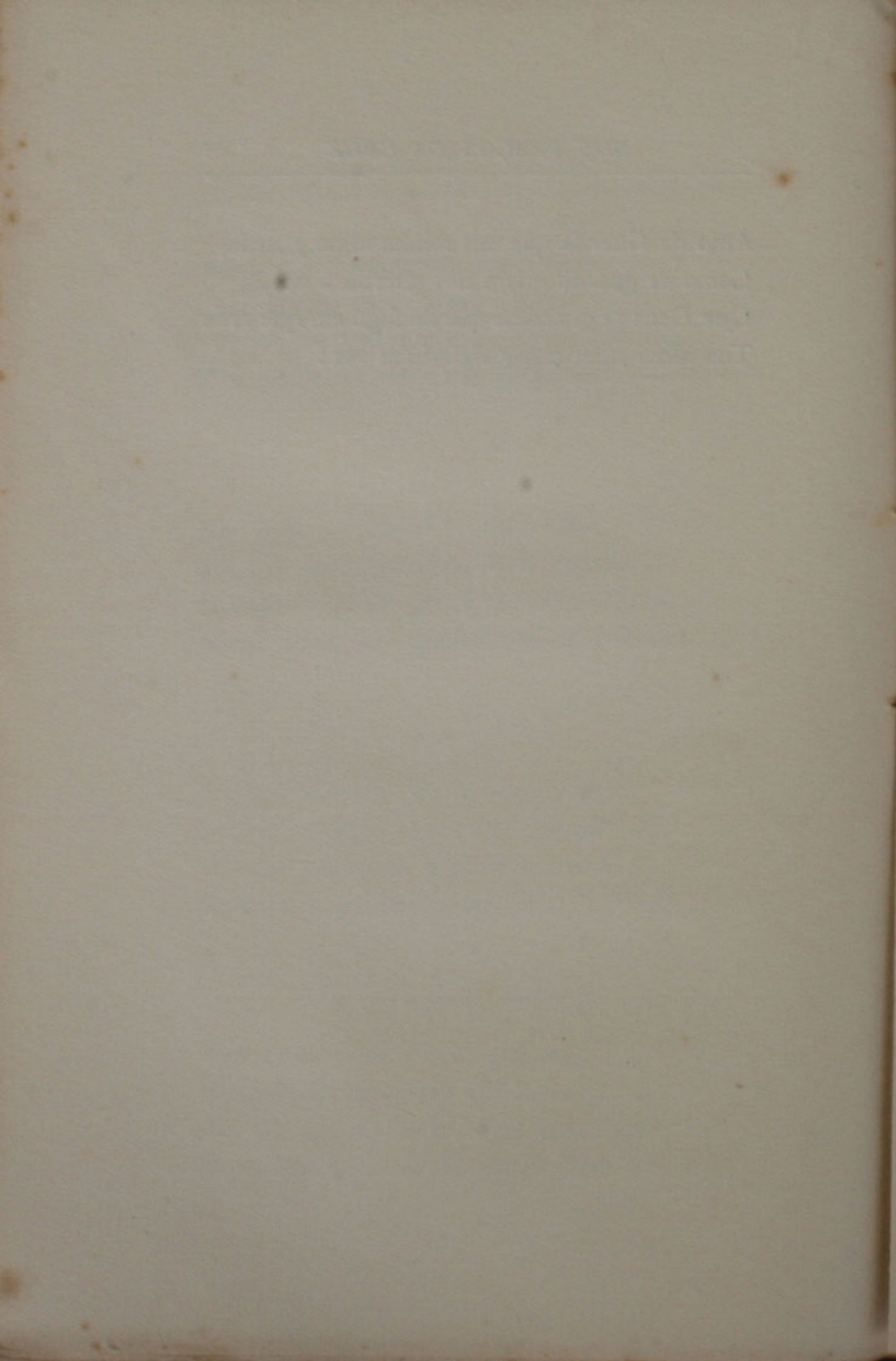
Mas a tristeza aguarda o seu momento
Para das mesmas cinzas resurgir,
Não julgues que morreu o meu tormento,
E' o teu canto que o não deixa ouvir.

Não pode ser alegre a nossa vida
Por mais que queira os olhos enganar,
Quando te vê sempre a seu lado erguida
Minha alma, sem querer, põe-se a chorar.

Porquê, não sei. Vá lá saber a gente
Porque se chora sem saber porquê!
Isto que sinto toda a gente o sente
Embora na palavra se não dê.

Mas eu nasci em dia de tristeza,
Abri meus olhos para ver chorar,
E a dôr dos outros ha vinte ânos resa
Na magua que enevôa o meu olhar.

Anjo da Guarda que em minha alma guardo,
Como se guarda quem nos guarda a nós,
Que Deus te guarde e que no fogo em que ardo
Tua alma suba a par da minha voz!



O Tempo

AO ALVES MARTINS

Esperar é gastar em vã refrega
A vida d'hoje, olhando o que ha-de vir.
Quem espera não vive, e terá de ir
Fugindo sempre atrás do que não chega...

E nesse sonho toda a luz emprega
A ver se pode o sonho conseguir.
Entanto o tempo passa, sem sentir,
Sem ver a vida na ilusão que o cega.

O tempo dura apenas um momento.
Mal chega, logo morre, é luz perdida.
Amanhã não existe. Vão tormento

Traz a esperança em sonho adormecida.
(Quem espera ha-de ter o desalento
(De ver a morte sem ter visto a vida!...

Coimbra, Abril, 1914.

Ossadas

Ao NUNO SIMÕES

Minha alma é uma casa derrocada,
Habitam nela ventos de abandono.
Perfumes mortos leva-os a nortada,
Janelas batem, perturbando o sono...

Foi um palacio de ilusões, ao luar.
Cantarias de sonho nos portais,
Nos espelhos, em gala, a rebrilhar,
De oiros fulgiam ritmos musicais.

Nas horas de crepusculo, dizia,
Vendo minha alma arder como uma estrela,
Que o sol fugira mais a luz do dia
E olhava o mundo lá de dentro d'ela.

Era um lago de leite. O sol doirava
A cambraia nevada da minha alma
— Alvura mística de rosa brava
Contemplativa á sombra duma palma. —

Mas vem outôno... Tédios bocejantes
Cercam portais heraldicos de sonho...
Deixei de ser aquele que fui d'antes,
Nas mãos do *tedio* o coração deponho!

O Meu Lar

Faço os meus versos como se eu rezasse
Com a piedade altíssima dum santo,
Sol de bondade doira a minha face
Onde a bondade vai rezando em pranto.

Longe de Ti o meu olhar procura
No azul do ceu o azul do teu olhar,
Meu coração dilue-se em amargura,
Sinto um desejo enorme de chorar.

Evoco o teu perfil, e rogo a Deus
Que lance a benção sobre o nosso amôr,
Que as nossas almas puras como os ceus
Possam viver na graça do Senhor.

Que tu sejas a Virgem Padroeira
Da nossa casa como d'uma ermida,
E que doirando a minha vida inteira
Me faças sempre bendizer a vida.

A desgraça queimou-me a mocidade,
Já nada quero, e sei que o não mereço,
(Na minha prece cheia de bondade
Tudo o que eu peço é para Ti que o peço...

Porto, 1914.

Vertigem do Nada

AO ARÃO DE LACERDA

No fundo de mim mesmo alguém se abriga
Em nevoa baça envolto eternamente.
Ignota sombra esconde a luz á gente,
Sonambulo misterio nos fustiga.

Naufragio da razão! A voz me instiga
A duvidar de tudo o que se sente,
E quasi deixo de viver, dormente,
Perdido, no *não-ser* da voz amiga.

Na vertigem do nada alucinado,
Meus nervos fervem vendo a escuridão
E á beira d'ela fico acobardado...

(Talvez que seja tudo uma ilusão
(De quem julga pensar, sem ter pensado,
(E o nada seja a voz do coração!...

Coimbra, 1913.

Alucinado na Noite

AO MOTA GUEDES

Na noite escura afundo o pensamento,
Em doida galopada pelo espaço
Percorro mundos. Cheio de canção
Escuto a voz de Deus no isolamento...

Frio cortante me gela o entendimento!
E' sempre a vida que em minha alma abraço,
Procuro o nada e é sempre em vão que o faço,
Por toda a parte a vida, o desalento.

Vida eterna pla noite a rebrilhar
Na luz de estrelas que recamam ceus.
Nesses fachos de amor a deslumbrar

A pobre luz que brilha em olhos meus
Eu pude então esta verdade achar
— Deus pra se crear havia de ser Deus. —

Coimbra, 1913.

Eterna Dôr

Desejo de *não ser!* Aspiração
Que traz minha alma em ancia dolorida,
Aniquilar na morte o coração,
Deixar de ver para não ver a vida.

Mas logo sinto a dor que me tortura
E me traz preso em sua garra adunca :
A vida toda é cheia de amargura
E é sempre eterna, não se acaba nunca !

Vidas virão atrás da nossa vida,
E a nossa vida ha-de ser vida n'elas.
A luz no espaço nunca é luz perdida,
Junta-se á luz e luz noutras estrelas!

Coimbra, 1913.

Poema Nevrotico

AO FERNANDO PESSOA

Cá dentro a gente está sempre a mudar.
Eu vejo em mim alguém que nunca vi
Cada instante que passo a meditar,
E já não sinto alguém que já senti.

Muitos passam na nossa vida, a esmo,
Sômos *outro* momento para momento...
Sopra e não sopra sempre o mesmo vento,
Sômos uns *outros* na ilusão do mesmo.

Não temos alma ; as almas passam, võem
De corpo para corpo, sem parar . . .
Do mesmo grito varios écos sôam
Indo depois nas fontes murmurar.

Pra aonde irá, pra onde a luz que vimos
E que depois deixámos de abranger ?
Pra aonde foram *outros* que sentimos
Dentro do coração, em nós, bater ?

* * *

Cansei a minha voz a perguntar
Porque motivo de tortura e dôr
Cá neste mundo não se pode achar
Qualquer coisa que exista sem ter côr !

O incolor não existe, apenas é

A falta da palavra que o define.

(No incolor eu penso, e nem eu sei porquê
Procuro a côr que essa não-côr exprime...

* * *

O que é o pensamento? A força estranha
Da célula gerando um infinito.
E abraça todo o mundo a luz tamanha
Do infinito gerado no finito...



O som não morre, fica eternamente
Na natureza em vida de misterio...
Às tardes oiço, num tablado eterio
Cantar Chopin nas tintas dum poente!

Não existe o silencio. Se existisse
Existiria a morte denegrada.
E a morte é só, meu coração m'o disse,
Um novo aspecto que retoma a vida.

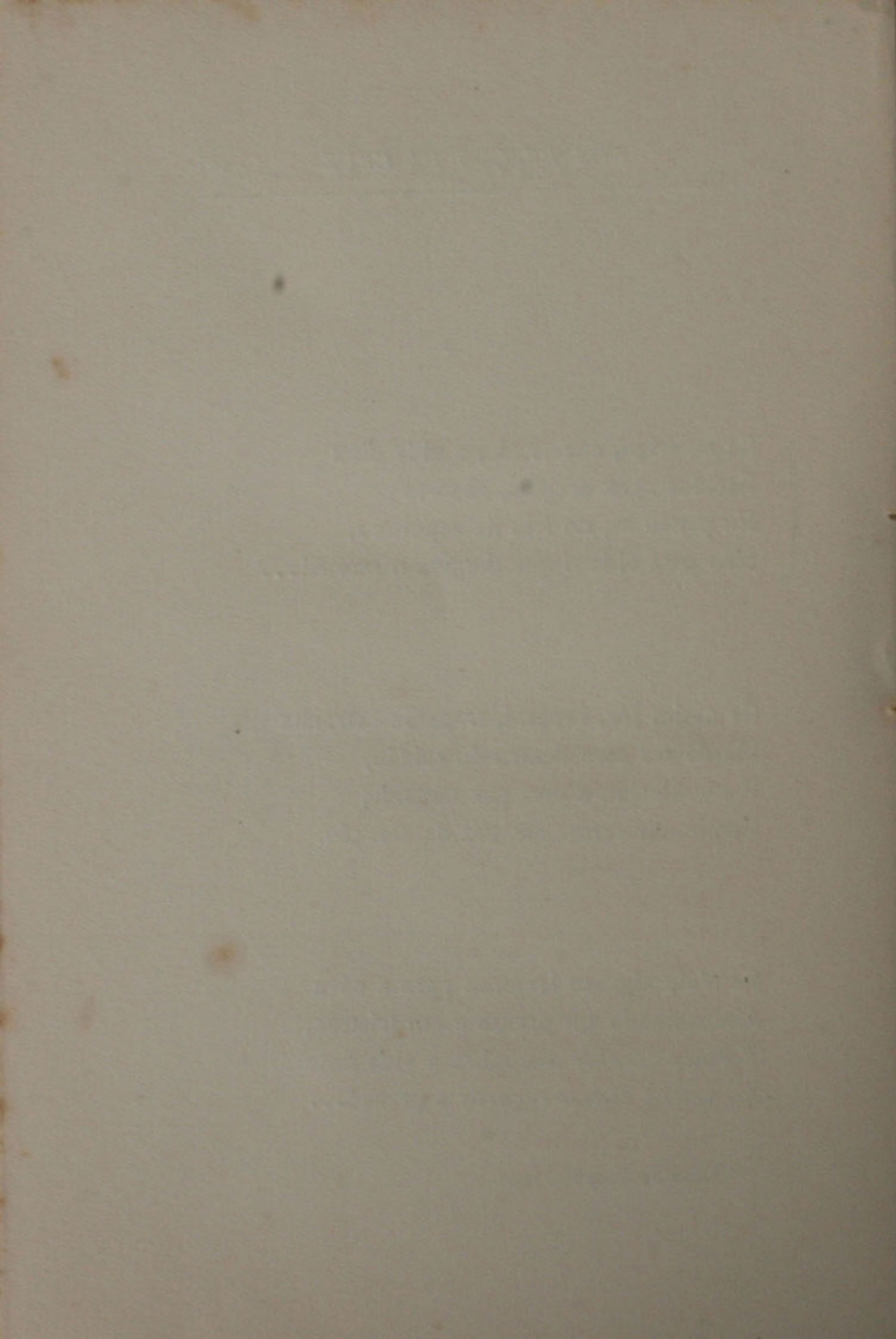
E' para os vivos a morte
O mundo, a vida deixar...
Talvez a morte dos mortos
Venha a ser resuscitar...

* * *

Se no trigo, encerrado, a vida dura
Seculos apoz seculos, absorto
Eu penso se, no frio da sepultura,
Não será vida o que domina o morto!...

Se assim fôr, reparai, tragedia extranha
Ha-de ser essa dentro do caixão,
E no silencio d'essa paz tamanha
Sentir um verme em vez de coração.

Se n'ele alguém levamos para a cóva
Amortalhado em pranto e em tristeza,
Tortura enorme assombra a vida nova
Ao ver os bichos repartir a presa!...



INDICE

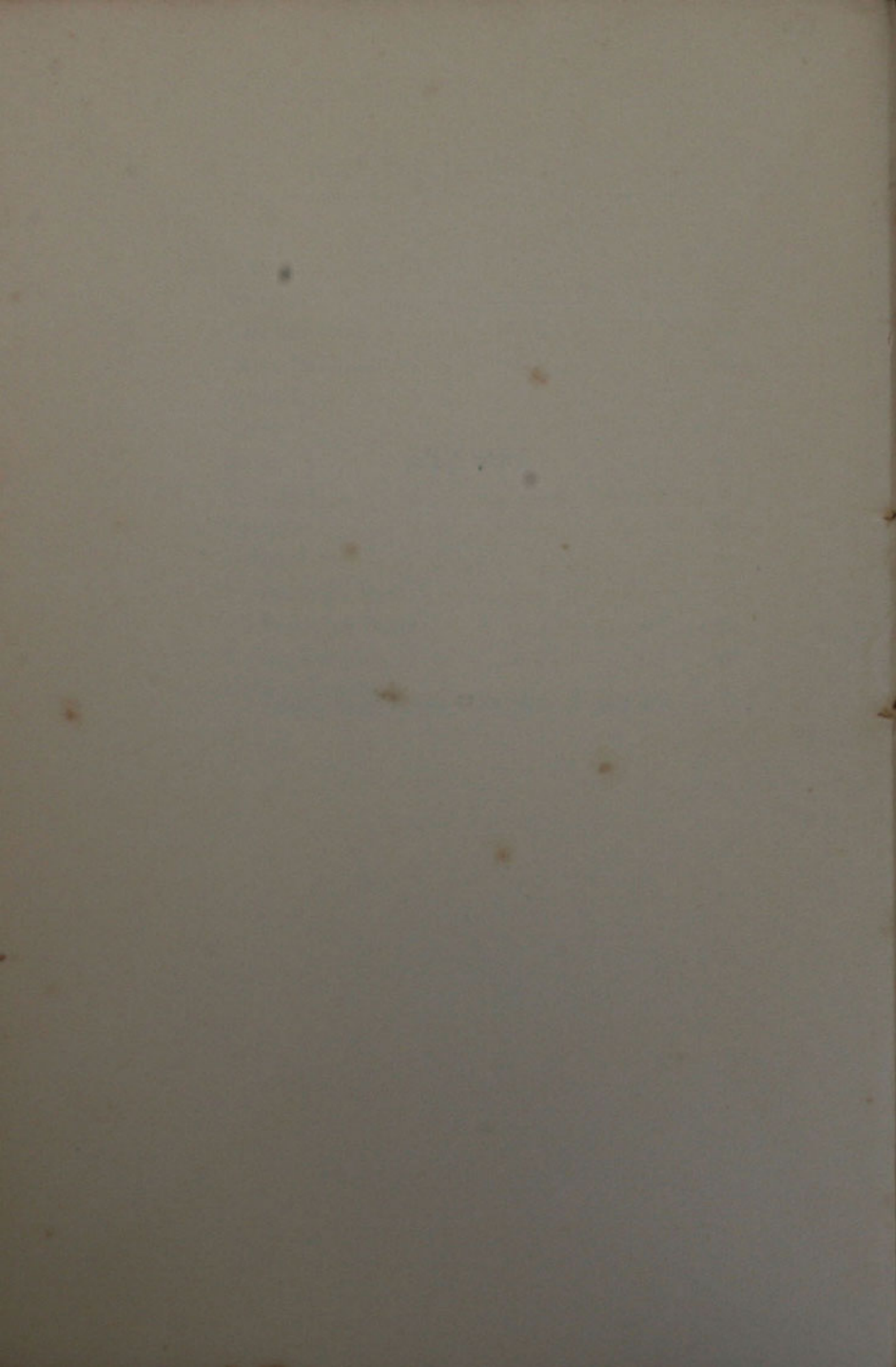
I — HOSSANA IN EXCELSIS	
Poëma d'Amôr	11
Litania do Crepusculo	15
II — A CEIA	
Almas Penadas	23
Meu Pai	25
Ronda de Fantasmas	29
O Moiro	33
Minha Mãe	35
III — O CAMINHO DO CALVARIO	
A Alma do Descampado	41
A Romaria	43
Ritmos da Saudade	47
O Misterio da Planicie	53

IV — NOS BRAÇOS DA CRUZ

Na Cruz	61
Olhando Deus	65
Cheia de Graça	69
A Morte	73
Carta	75
Maria	81
O Tempo	87
Ossadas	89
O Meu Lar	91
Vertigem do Nada	93
Alucinado na Noite	95
Eterna Dôr	97
Poema Nevrotico	99

ERRATA

Na pag. 5, onde se lê *vast*, leia-se *vaste*.



ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO AOS
VINTE E OITO DIAS DO MEZ DE OUTUBRO
DO ANNO DE MIL NOVECENTOS E QUA-
TORZE, NA TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO
FRANÇA AMADO, NA CIDADE DE COIMBRA,
RUA DE FERREIRA BORGES, NUMERO CENTO
E QUINZE.

